

CARACTERIZAÇÃO DE UMA BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA SOB A ÓTICA DO PARADIGMA DA BIBLIOTECONOMIA E DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

MARCELO CAVAGLIERI¹

RESUMO

Este estudo traça discussões acerca da Biblioteconomia e da Ciência da Informação (CI), levantando um breve histórico da CI e discutindo alguns conceitos que regem o campo do profissional da informação. A pesquisa também traz um desenho de uma Biblioteca Universitária, debatendo os serviços e a essência sob o ponto de vista dos paradigmas da Biblioteconomia e da CI, destacados na literatura. A coleta de informações foi feita através de observações e conversas com os gestores da Unidade de Informação (UI). Os resultados obtidos correspondem à realidade de muitas UI que ainda precisam evoluir, deixando para trás alguns paradigmas antigos e se adequar ao perfil mais dinâmico dos interagentes.

PALAVRAS-CHAVE: Paradigmas da Biblioteconomia. Paradigmas da Ciência da Informação. Biblioteca Universitária.

ABSTRACT

CHARACTERIZATION OF A UNIVERSITY LIBRARY UNDER THE PERSPECTIVE OF THE LIBRARIANSHIP AND INFORMATION SCIENCE PARADIGM

This study discusses about the Librarianship and the Information Science (IC), coming with a brief history from the IC and debating some concepts by which drives the field of these professionals. The research also brings a drawing of a university library, deliberating about its occupation and its essence, under the point of view of the librarianship and the IC emphasized in the literature. The data collect was obtained through observation and debates with professionals from the Units of Information. The results are coherent with the realities of the most of UI by which needs advancing yet, putting behind it some old paradigms in order to suit to the more dynamic profile of its interagents.

KEYWORDS: Paradigms of librarianship. Paradigms of Information Science. University Library.

1 INTRODUÇÃO

O século XX representou um marco de profundas mudanças nos meios de comunicação e nas tecnologias de informação. Com estas alterações significativas, o profissional da informação tem ampliado sua atuação no mercado de trabalho. O campo de trabalho, até pouco tempo, era predominantemente as bibliotecas; hoje, existem os centros de informação especializados, institutos de pesquisa e diversos outros campos que lidam com informação a serem explorados.

O objeto de trabalho e estudo do bibliotecário é a informação, e ela tem se transformado devido aos novos suportes, formato, processamento e disseminação. Sendo

¹Mestre em Gestão de Unidades de Informação, SENAC
Endereço eletrônico: marceloglieri@yahoo.com.br

assim, o profissional da informação deve estar apto a incorporar essas novas tecnologias no ambiente de trabalho e não ficar restrito às técnicas antigas que restringem o campo de atuação.

A informação científica e tecnológica adquiriu valor estratégico. Assim, na sociedade contemporânea, a informação passa a ser reconhecida como essencial para o desenvolvimento científico e tecnológico, e seu fluxo como um processo de intermediação dessa condição, o que eleva ainda mais a responsabilidade dos gestores das UI, pois são eles os responsáveis em possibilitar que o fluxo informacional chegue aos seus interagentes.

Com a crescente quantidade de informação disponível, é cada vez mais necessário um profissional multidisciplinar que tenha uma visão globalizada da área em que irá atuar, de modo que esta instituição possa se apropriar de aparatos científicos e tecnológicos eficazes para atender da melhor maneira possível o público-alvo.

Nesse contexto, o objetivo principal deste estudo é fazer uma análise em uma biblioteca universitária, identificando os principais serviços e contrapondo estes com os paradigmas da biblioteconomia e da CI.

A metodologia utilizada para alcançar este objetivo foi de observação e algumas conversas informais com os gestores da UI.

A técnica de pesquisa de observação auxiliou o acadêmico para obtenção de dados que pudessem ser discutidos no presente artigo. Barros e Lehfeld (2000) destacam a importância, caracterizando que a técnica da observação aplicada em estudos e trabalhos científicos oferece a vantagem de ter o contato direto com o fato pesquisado, permitindo a coleta de dados sobre um conjunto de atitudes comportamentais. Porém, é preciso ter cuidado para não criar impressões subjetivas (favoráveis e/ou desfavoráveis àquilo que observa). A observação deve ser neutra e trazer dados originais e concretos à pesquisa.

A seguir, é apresentada uma breve revisão bibliográfica, alinhando os campos da biblioteconomia e CI, bem como o perfil desses profissionais da informação.

2 A BIBLIOTECONOMIA E A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Tanto a Biblioteconomia quanto a CI formam profissionais da informação que têm evoluído o perfil com os avanços tecnológicos, principalmente os que se referem ao acelerado processo de troca dos sistemas de comunicação na esfera mundial, porém, para identificar as familiaridades e diferenças, busca-se um breve referencial teórico de

modo a ter melhor compreensão destes profissionais.

Le Coadic (1996, p. 106) destaca que:

Por profissionais da informação entendemos as pessoas, homens [...] e mulheres, que adquirem informação registrada em diferentes suportes, organizam, descrevem, indexam, armazenam, recuperam e distribuem essa informação em sua forma original ou como produtos elaborados a partir dela.

Em geral, esses profissionais situavam-se entre os processos de produção, armazenamento e disseminação da informação, permitindo que esta flua como um combustível essencial para a interação dos indivíduos e suas trocas comunicativas.

A Biblioteconomia possui uma história antiga, voltada para a ocupação de dar acesso à informação e transmissão desta aos povos futuros.

Já a Ciência da Informação, conforme mostra Capurro (2003), apresenta duas raízes: a Biblioteconomia clássica e a Computação Digital. A primeira dialoga com as origens da sociedade humana, sustentada que esteve e está nas redes de relações mantidas através da linguagem. A segunda, de natureza tecnológica, está ligada ao impacto da computação nos processos de produção, coleta, organização, interpretação, armazenagem, recuperação, disseminação, transformação e uso da informação, sobretudo a científica, registrada em documentos - até então apenas impressos.

A evolução dos processos sociais, tecnológicos e científicos e das preocupações com o acesso à informação, permite compreender um pouco sobre as transformações pelas quais passou a Biblioteconomia, bem como a origem da Documentação e da Ciência da Informação, com relação aos fluxos de informação. (FREITAS, 2006).

De modo geral, a Biblioteconomia, com os processos técnicos, não conseguia acompanhar as necessidades informacionais dos usuários frente à explosão documental do pós-guerra. Preocupados com o crescimento exponencial do volume de informações e com o acesso a elas, Paul Otlet e Henri La Fontaine sistematizaram a Documentação no fim do século XIX e passaram a apresentar uma proposta mais avançada, por se pautar na análise de conteúdo dos documentos; todavia o potencial das emergentes tecnologias da informação e comunicação suscitava o emprego de técnicas mais sofisticadas para a organização eficiente da informação. Foi nesse cenário que, sob um empenho interdisciplinar, surgiu a Ciência da Informação: tendo como objeto de estudo a informação, pautada nos fluxos informacionais, esquecidos pela Biblioteconomia. (MOSTAFA, 1994).

2.1 A Ciência da Informação: um breve histórico

A Ciência da Informação nasceu como uma forma de interação entre a pesquisa científica e prática profissional. A principal tarefa é codificar e transmitir o conhecimento registrado.

Segundo Robredo (2003, p. 26 apud CORRÊA, 2008, p. 35), a CI surgiu em meados dos anos 60, tendo como objeto principal de estudo a “análise dos processos de construção, comunicação e uso da informação e a concepção dos produtos e sistemas que permitem sua construção, comunicação, armazenamento e uso”.

Ainda, no entendimento de Robredo (2003), foi a realização da *International Conference on Scientific Information* (Conferência Internacional de Informação Científica), evento que reuniu os principais nomes da documentação em nível mundial, organizado em parceria entre a *National Academy of Science*, a *National Research Council*, a ADI e a FID, em Washington no ano de 1958, que marcou a transformação da “documentação em Ciência da Informação”. Neste evento foram discutidos temas como mecanização, automação e a expansão da documentação. A partir dessas discussões, muitas escolas passaram a substituir os termos biblioteconomia e documentação pela expressão Ciência da Informação.

Ao analisar as raízes da CI, não se pode deixar de citar determinados nomes de grandes cientistas considerados pioneiros nessa área. Entre alguns deles, destaca-se o do cientista americano Vannevar Bush.

Nunes (1996) destaca que Bush publicou, em 1945, um artigo intitulado “*As we may think*”, que apontava o valor da informação após a segunda guerra mundial, os problemas causados pela explosão informacional, como o crescimento desordenado da informação, seus registros e os possíveis problemas que haveriam para organizá-la e repassá-la à comunidade. Além de Bush, outros cientistas também tiveram atuações notáveis e contribuíram para a história da CI. Lê Coadic (1996) destaca alguns nomes como: Otlet, Ranganathan e Bradford. Foi a partir da publicação desse artigo e das ideias de Bush que começaram a ser realizados, em vários países, eventos para se discutir o uso de tecnologias no tratamento da informação e a ideia de automação.

No Brasil, o primeiro evento realizado com essa temática foi um Seminário de Informática, promovido pelo Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD) em 1968. Com esse seminário, a IBBB pretendeu chamar a atenção de bibliotecários e documentalistas à aplicação de processos automáticos à informação e à importância dessa prática para a biblioteconomia. Esse encontro lançou novas perspectivas a esses profissionais e influenciou o ensino nas escolas de biblioteconomia do Brasil (NUNES,

2006).

Para Foskett et al. (1990), o termo Ciência da Informação foi adotado em 1970 pela IBBD (Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação) por meio da criação do mestrado em Ciência da Informação; em seguida, uma revista, com o mesmo nome, procurava, na literatura norte-americana, respaldo para o novo termo adotado.

Na concepção de Saracevic (1996), ao longo das décadas de 1960 e 1970, a CI se dedicou ao estudo das propriedades dos processos de comunicação e ao comportamento da informação relativo à sua gênese, coleta, organização, estocagem, recuperação, interpretação, transmissão, transformação e uso. Nos anos de 1990, as atenções se voltaram para as questões científicas da área e para a prática profissional direcionadas ao contexto social e suas necessidades de informação.

Surgindo como novo campo científico, a CI buscou respaldo em outros campos já estruturados, ao importar técnicas de outras áreas e, sobretudo, fundamentar as bases em teorias e conceitos de outras disciplinas, principalmente na Biblioteconomia e na Ciência da Computação. Dessa forma, a CI tornou-se essencialmente interdisciplinar.

Deste modo, pode-se afirmar que, na prática, a CI conta com técnicas definidas de registro, armazenamento, organização, recuperação e disseminação da informação, mas o que ela é e do que se ocupa exatamente ainda não alcançou consenso entre os autores, tampouco uma definição que seja universalmente aceita sobre sua área, por isso ainda não conseguiu construir uma identidade própria, que seja vislumbrada pelas outras áreas do conhecimento.

3 PARADIGMAS DA BIBLIOTECONOMIA E CI SOB O PRISMA DE UMA BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA

A Unidade de Informação (UI) escolhida para desenvolver o estudo dos paradigmas é uma biblioteca universitária de uma faculdade particular. Possui história recente. Foi criada em 2003 e, hoje, abriga um atualizado acervo, atendendo alunos do colégio, graduação e pós-graduação.

Seu acervo encontra-se totalmente automatizado, contemplando, desde a formação até o empréstimo, possibilitando aos seus usuários consultas, reservas, identificação e pesquisa de documentos indexados na base de dados. É composto por cerca de 22 mil exemplares e mais de 14 mil títulos de livros, além de multimídia, periódicos, fitas de vídeo, mapas, CD-ROMs, apostilas e normas técnicas.

O quadro de funcionários é composto por um Bibliotecário e mais três auxiliares de

biblioteconomia. Atendendo das 07h30min até às 12h e das 13hmin até às 22h30min. Também funciona aos sábados, das 8h30min às 12h30min, somente quando acontece aula da pós-graduação.

Por se tratar de uma biblioteca universitária, é inevitável que os principais paradigmas sejam tratados no campo da biblioteconomia, pois se, atualmente, muitos campos se dividem entre profissionais bibliotecários e profissionais da CI, a biblioteca continua sendo um ambiente predominantemente de bibliotecários.

Outro fato que torna mais difícil identificar os paradigmas da CI na prática é que, muitas vezes, a CI faz uso de outras áreas do conhecimento, conforme destaca Gouveia Júnior e Santos (2012, p. 125)

Pode-se anotar que a Ciência da Informação se utiliza de paradigmas de outros campos do conhecimento, mas ainda não possui, ela própria, um paradigma que delimite conceitos e áreas de concentração e atuação. Talvez a emergência de um paradigma consensual neste campo do conhecimento, no contexto atual – de uma sociedade globalizada e interconectada – possa encontrar seu ponto de partida nas perguntas-chave: informação para quem? Informação para quê?

De modo a ter uma maior compreensão deste tema, Capurro (2003) descreve que paradigma deve ser entendido como um modelo, um método ou um padrão plenamente aceito pela comunidade científica, até ser substituído por outro que supere os limites do anterior.

Para Marcondes (2002), um paradigma é um modelo, um tipo exemplar que se encontra em um mundo abstrato, a partir do qual existem instâncias, como cópias imperfeitas, em nosso mundo correto.

Na visão de Kuhn (1962, p. 218), os paradigmas podem ser vistos como “realizações passadas dotadas de caráter exemplar”, as quais os membros de uma comunidade científica partilham.

Associado aos paradigmas, ao longo da história, a biblioteconomia teve evolução no tratamento da informação. Desenvolvimento provocado pelo surgimento de novas tecnologias, alterando o suporte informacional e, também, o perfil do usuário que consome a informação. Com isso, algumas quebras de paradigmas foram surgindo, dando espaço a novas referências e conceitos.

Neste sentido, Marcondes (2002) demonstra que uma crise de paradigmas caracteriza-se como uma mudança conceitual ou uma mudança de visão do mundo, consequência de uma insatisfação dos modelos anteriores predominantes de explicação.

Kuhn (1962) comenta que a crise de paradigmas se opõe ao que se chama de

“ciência normal”, períodos de estabilidade em que há uma aceitação generalizada de determinados modelos teórico-explicativos.

Em consonância ao tema, Targino (2010) destaca que as inovações tecnológicas são decisivas na mutabilidade dos paradigmas concernentes à biblioteca na condição de instituição social. E, como inevitável, ao atravessar as várias fases históricas, indo do período medieval à contemporaneidade, a biblioteca assimila a realidade dos diferentes períodos e assume posturas paradigmáticas distintas.

Um dos mais antigos paradigmas que vem sendo quebrado pela própria UI estudada é o fato de ter pessoas jovens e dispostas a solucionar as necessidades informacionais de seus interagentes, modificando a ideia antiga que, nas bibliotecas, existia apenas aquela senhora de óculos e que estava preocupada apenas com a conservação do acervo e não com os anseios dos usuários.

A UI trabalha o paradigma cognitivo proposto por Capurro (2003), na qual os gestores da UI transmitem o conhecimento e a informação a seus interagentes de forma clara e objetiva.

Um dos principais paradigmas da biblioteconomia e da CI é dar acesso à coleção para que os usuários possam garimpar o que precisam. Porém, nesta UI, o acesso à coleção é fechado, apenas a equipe da biblioteca pode ter acesso a toda coleção. Cabe salientar que esta decisão foi tomada pela instituição com a justificativa de diminuir o roubo da coleção. Entretanto, o bibliotecário responsável foi radicalmente contra, porém foi obrigado a acatar a determinação da instituição.

Renault (2007), em sua análise, enfatiza que isto corresponde ao paradigma físico ou fisicalista que prioriza as “coisas”, na qual se dá mais valor ao documento do que a própria informação contida nele.

Capurro (2003, p. 5) também corrobora que este fato está relacionado ao paradigma físico, que “em essência esse paradigma postula que há algo, um objeto físico, que um emissor transmite a um receptor”. Neste caso, a informação é vista como uma coisa, algo físico, concreto, que pode ser medido.

Em pleno século XXI, com facilidade de acesso a tecnologias modernas que possam garantir a segurança e a preservação do acervo, ainda é possível encontrar, em diferentes localidades, a nomeada biblioteca tradicional que prefere usar métodos antigos e ultrapassados para cuidar de seu acervo.

Isso vem contrariando os novos paradigmas da biblioteconomia e da CI, que prezam por uma biblioteca vista como uma organização social, que visa difundir o conhecimento e a informação para todas as classes sociais, indiferente da localização,

permitindo acesso livre ao conhecimento científico.

Relacionado ao paradigma cognitivo descrito por Capurro (2003), que está arrolado à transposição do conhecimento ao seu interagente, a UI presta um excelente serviço de referência, com atendimento diferenciado, na busca da necessidade informacional dos usuários e no auxílio às normas técnicas de elaboração de trabalhos acadêmicos.

A UI possui todo acervo informatizado, permitindo aos interagentes a busca e renovação pela internet. Neste aspecto, pode-se destacar, com maior evidência, o paradigma da CI, que tem maior preocupação do uso das tecnologias da informação. Conforme colabora Oliveira (2005), a CI tem suas teorias aliadas às novas tecnologias de informação, com destaque nos fluxos dos conteúdos informacionais e nos processos de interação entre o usuário e a informação disponibilizada através destes documentos.

Analisando o conceito de Francis Miksa (apud OLIVEIRA, 2005), no qual aponta como paradigma da biblioteconomia a visão da biblioteca como instituição social com fundamentos na sociologia e educação e foco na biblioteca em si mesma, pode-se destacar que a UI pesquisada possuía um papel social presente para a comunidade em que está inserida, pois toda compensação de multa era convertida em projetos sociais. Além de a comunidade ter total acesso à coleção e poder fazer uso desta, eram feitas campanhas de arrecadação de fundos, tal como de agasalho e brinquedo, para compensar as multas. Havia a possibilidade de que fosse convertida em alimentos não perecíveis, quando tudo o que se arrecadava era doado para instituições carentes que faziam parte daquela comunidade. Com a mudança recente no comando da instituição, todas as campanhas sociais de compensação de multa foram abolidas e, atualmente, a compensação pode ser feita apenas em dinheiro.

Se analisarmos a biblioteca como instituição social, apenas sob o prisma de possibilitar o uso da coleção de documentos à população, a UI continua permitindo que toda comunidade faça uso do acervo para pesquisas.

Constatou-se, também, que esta UI ainda possui uma visão micro das atividades, relacionada com o paradigma da biblioteconomia, o qual poderia ter uma visão macro, visando à informação e ao usuário e a um estudo mais aprofundado de novos serviços que poderiam ser disponibilizados, dessa forma, corresponderia ao paradigma da CI.

Apesar disso, o papel educacional dos profissionais que trabalham nesta UI é manifestado através do auxílio a novas fontes de informação, mesmo que não possam ser

disponibilizadas pela própria UI e no amparo as normas técnicas para a formatação e normalização dos trabalhos acadêmicos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se discutir os novos paradigmas do profissional da informação do século XXI, espera-se uma nova postura que acompanhe as tendências mundiais, permitindo que as UI possam se tornar referências na busca da informação precisa e confiável. Os bibliotecários e os cientistas da informação do século XXI, independentemente da nomeação de quaisquer paradigmas, precisam acompanhar os movimentos de acesso livre e de democratização da informação, facilitando o uso e o compartilhamento do conhecimento produzido no mundo.

O fluxo informacional atual não se restringe mais apenas ao modelo baseado na publicação impressa convencional, mas há a necessidade de situar os consumidores de informação nesse contexto, sob uma perspectiva mais independente e ativa com relação à informação, considerando as mais variadas alternativas de acessarem e produzirem informações e conhecimentos, gerando um fluxo informacional satisfatório.

Constatou-se que a UI pesquisada está atrelada ainda a paradigmas antigos da biblioteconomia, priorizando o documento e não à informação contida neles. É preciso que haja uma visão macro das possibilidades e do potencial informacional que esta possui, para que, assim, possa contribuir de forma mais efetiva ao acesso e à disseminação da informação aos interagentes.

Os bibliotecários devem se adaptar com maior rapidez e eficiência às novas tecnologias, pois a atividade deles figura como uma das profissões em que as tecnologias de informação e comunicação interferem diretamente nas rotinas de trabalho e podem contribuir significativamente para uma maior interação com os usuários, a fim de prestar um serviço de maior qualidade.

Como sugestão para a UI, recomenda-se um estudo de usuário para demonstrar a insatisfação dos acadêmicos que não têm acesso ao acervo físico. Além disso, pode ser feito um estudo de custo benefício com a instalação de um sistema de segurança. Dessa forma, poderia ser liberado o acesso sem a preocupação do furto.

O livro eletrônico também é um benefício que poderia ser usado para atrair novos leitores e pesquisadores. Este pode ser disponibilizado no *site* da biblioteca ou, ainda, ser adquirido por leitores de *e-books*, permitindo aos usuários fazer uso destes na própria UI.

O uso das redes sociais também deve ser implementado nesta UI, porquanto

possibilita atrair os mais diversos públicos com a divulgação de serviços e campanhas que pretendem desenvolver. Além disso, é um canal que possibilita a prestação de contas dos trabalhos sociais, atingindo, também, o público que não frequenta o ambiente físico da UI.

Outro ponto fundamental é o retorno dos projetos sociais que podem ser feitos mesmo sem a utilização da compensação de multa. Dessa forma, a UI poderia dar um respaldo maior à população em que está inserida, contribuindo significativamente para a igualdade social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Aidil de Jesus Paes de; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Fundamentos de metodologia: um guia para iniciação científica**. 2. ed. ampl. São Paulo: Markon, 2000.

CAPURRO, R. Epistemologia e ciência da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos...** Belo Horizonte: ENANCIB, 2003. p.1-21. Disponível em: <http://www.capurro.de/enancib_p.htm>. Acesso em: 20 maio 2014.

CORRÊA, Elisa Cristina Delfini. **Os usos do computador e a definição do campo da Ciência da Informação em relação à Biblioteconomia no Brasil: uma análise sociotécnica**. Tese (Doutorado em Sociologia Política) – Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis, 2008.

FOSKETT, D. J. et al. **Ciência da informação ou Informática?** Rio de Janeiro: Calunga, 1980. 105 p.

FREITAS, Carlos Henrique Tavares de. **A Perspectiva de uma biblioteca virtual na Guimarães Agrícola: informação com qualidade e eficiência**. 2006. 131 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia do Curso de Biblioteconomia)- Universidade Federal de Mato Grosso, Rondonópolis, 2006.

GOUVEIA JÚNIOR, Mário; SANTOS, Raimundo Nonato Macedo dos. Mudança de paradigma e sua ruptura: um estudo de caso na Museologia e a pluralidade paradigmática da Ciência da Informação. **TransInformação**, Campinas, v. 24, n. 2, p. 117-126, maio/ago., 2012.

KUHN, Thomas Samuel. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1962.

LÊ COADIC, Y. F. **A ciência da informação**. Brasília: Brinquet de lemos, 1996. 119p.

MARCONDES, Danilo. A crise dos paradigmas e o surgimento da modernidade. In: BRANDÃO, Zaia (Org.) **A crise dos paradigmas e a educação**. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2002. (Coleção Questões de nossa época).

MOSTAFA, Solange Puntel. As ciências da informação. **Perspectivas**, São Paulo, v. 8. n. 4, p. 22-27, out./dez., 1994.

NUNES, Lucilene. Tendências epistemológicas da Ciência da Informação na Revista Datagramazero. In: XXIX ENEBD. **Anais...** Bahia, 2006.

OLIVEIRA, M. (Org.). **Ciência da informação e biblioteconomia**: novos conteúdos e espaços de atuação. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

RENAULT, L. V. Paradigmas e modelos: proposta de análise epistemológica para a ciência da informação. **Transinformação**, Campinas, v. 17, n. 2, p. 53-60, maio / ago. 2007.

ROBREDO, J. **Da ciência da informação revisitada aos sistemas humanos de informação**. Brasília: Thesaurus; 2003. 245 p.

SARACEVIC, T. Ciência da informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.1, n.1, p.41-62, 1996.

TARGINO, Maria das Graças. A BIBLIOTECA DO SÉCULO XXI: novos paradigmas ou meras expectativas? **Inf. & Soc.**, João Pessoa, v. 20, n. 1, p. 39-48, jan./abr. 2010.

Artigo**Recebido em:**
31/03/2017**Aceito em:**02/12/2017